



Editorial

Elias Wolff
Helmut Renders
Kevin Willian Kossar Furtado

Pandemias não poupam regiões mundiais, nações e religiões, e atingem mulheres e homens, crianças e adultos. Apesar de que há um impacto diferenciado da COVID-19 sobre grupos sociais e étnicos distintos, em dependência direta de condições de vida impostas sobre eles, no passado e no presente, o que muitas vezes os impede de seguir as recomendações de prevenção de forma rigorosa – o novo coronavírus, em certa porcentagem dos casos mais graves da infecção, ou mata todos(as) aqueles(as) expostos(as) a ele ou deixa sequelas, deficientes e restrições de vida. Ele lembra-nos da nossa igual vulnerabilidade diante da morte e da nossa desigualdade na vida real.

Pandemias revelam e testam também a qualidade de diálogo entre todos os setores da sociedade. Um desses diálogos ocorre entre as ciências e a sociedade como um todo, bem como entre as ciências, as lideranças políticas e as religiões. Ainda não temos dados estatísticos suficientes para conclusões finais, mas temos evidências suficientes para dizer que religiões dispostas e capazes de andar no caminho do diálogo com as ciências protegem melhor os seus adeptos e as suas adeptas e as comunidades nas quais são inseridas.

A pandemia testa, da mesma forma, os caminhos de diálogo entre as igrejas cristãs e entre as religiões, já que elas têm – ou deveriam ter – um interesse comum: a proteção do número maior de pessoas possível e o acompanhamento daquelas que sofreram pela doença, seja pelas sequelas, pelas mortes que ela causa ou pela desorganização da sua vida socioeconômica, política ou religiosa. Salvo nosso engano, essa mobilização não ocorreu, ou não ocorreu até então. A crise certamente revelou as prioridades e investir no diálogo ecumênico para superá-la não foi uma delas. Com isso, faltou uma importante voz no cenário nacional.

Além disso, a pandemia desafiou tanto as formas de vivência cotidiana interna das igrejas como o oferecimento de ritos específicos, entre eles, a santa ceia, ceia do Senhor, a mesa comum ou a eucaristia. Dependendo da compreensão da celebração como sacramento, com os

elementos transsubstanciados ou consubstanciados, ou como memorial, com os elementos sinalizadores, foram aceitas ou não as propostas de uma apresentação mediática das celebrações, em formato de *livestreams* ou gravações, levantando perguntas sobre a preparação das mesas nas casas por leigos(as) e o ato de consagração dos elementos em uma ou duas formas.

Os sete artigos do dossiê *A fé e o sagrado no contexto de pandemia da COVID-19*, organizado por Helmut Renders, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, escritos por mulheres e homens de diversas igrejas cristãs, refletem sobre esses temas mencionados e podem ser divididos em três grupos: discussões de cunho epistemológicas, históricas e pastorais.

Blanches de Paula e Lindolfo de Alexandre Souza, como Donizete José Xavier e Claudio Antonio Delfino, discutem aspectos epistemológicos. Paula e Souza, em *O tabu da morte na modernidade: a COVID 19 como um reforço ao interdito*, discutem tendências negacionistas referente à pandemia no discurso público em seu efeito sobre o trabalho pastoral. Conclui-se que essas tendências contribuem para a sua tabuização, além dessa tendência já presente na modernidade tardia – e prevê-se que isso dificultará também o trabalho pastoral depois da crise; Xavier e Delfino, em *Pensar, sentir e agir: interpelações e perplexidades no contexto da pandemia do novo coronavírus*, estabelecem um diálogo com Paul Ricoeur a partir dos seus pensamentos sobre a origem do mal, considerando sua “resposta” pelo ser humano a partir dos três passos do *pensar, sentir e agir* que leva “aí [à] indignação contra o mal, [à] coragem para suportá-lo e [ao] impulso de simpatia para com as vítimas”.

Helmut Renders e Vinicius Couto partem de relatos históricos. Renders descreve em seu estudo de caso sobre o movimento metodista da Inglaterra no século XVIII, *Da morte onipresente a um novo olhar da visitação, militância social e reforma da igreja: o caso metodista no século XVIII*, como a múltipla experiência com a morte no cotidiano das pessoas levou a uma forma mais profunda de entender o trabalho pastoral e a releitura de ritos: as obras de misericórdia foram vistas como meios da graça e no centro das festas de ágape integrou-se a colheita para os pobres. Couto, por sua vez, em *Liturgia e pandemia: as respostas da Igreja do Nazareno frente aos desafios do novo coronavírus*, apresenta um estudo de caso comparativo dos inícios dos séculos XX e XXI referente às respostas litúrgicas dessa igreja de santidade (*Holiness Church*) à gripe espanhola e ao coronavírus, inclusive com algumas informações de iniciativas “ecumênicas”.

Claudio de Oliveira Riberio, Thiago Antônio Avellar de Aquino e Valquíria Gonçalves de Oliveira, partem do conceito da espiritualidade; Marcus Aurélio Alves Mareano e Robson Ribeiro de Oliveira Castro abrem o diálogo com a proposta do discipulado. Ribeiro, em *Alteridade, espiritualidade e pandemia*, foca em dois aspectos sob a perspectiva da espiritualidade ou vivência religiosa: a forma como e os meios pelos quais as religiões interpretam o fenômeno e o caminho da superação das ambiguidades da existência humana pela capacidade de liderar construtivamente com a alteridade como encontro com o corpo, com a

natureza e com a história, e o encontro humano-divino em sua multiformidade. Aquino e Oliveira, em *Espiritualidade e sentido da vida no contexto da pandemia de COVID-19*, partem da compreensão da alta transmissibilidade, mas baixa patogenicidade do vírus, e atribuem os casos graves e fatais a problemas de saúde subjacentes. A partir daí discutem a espiritualidade com recurso de enfrentamento a partir das contribuições da logoterapia, cuja origem está justamente na busca e construção do sentido da vida entre sobreviventes do holocausto. Mareano e Castro, em *Do isolamento social ao discipulado: uma leitura pastoral de Marcos 3,13-19 em tempos de pandemia*, focam no discipulado e na missão da igreja, considerando a sua sustentação e caracterização no evangelho de Marcos. Como elemento chave da missão em tempos de crise, eles destacam o elemento da manutenção da esperança em superações de ações eclesiais com “cara de funeral”.

A *Caminhos de Diálogo* também traz duas reflexões sobre a relação entre pentecostalismo e ecumenismo. Em *Intercambio católico-pentecostal en América Latina*, Diego Irarrazaval, a partir de sua experiência como consultor teológico em vários lugares do continente, recomenda rotas convergentes entre católicos e pentecostais que, embora com identidades e trajetórias históricas diferentes, são convocados a dar testemunho conjunto do Evangelho e transformar as injustiças do mundo. Josiah Baker, em *Uma abordagem histórica do ecumenismo pentecostal na América Latina*, aponta que a história do envolvimento pentecostal no ecumenismo na América Latina continua pouco estudada e propõe uma estrutura tripartida que examina as relações em mudança dos pentecostais com protestantes, católicos e outros pentecostais, na busca da construção de uma identidade pentecostal latino-americana transnacional que colabore ao trabalho futuro de ecumenistas pentecostais na região.

Em comemoração aos cinco anos da *Laudato si'*, Cesar Kuzma e Lucíola Cruz Paiva Tisi, em *Responsabilidade e cuidado com a casa comum: apontamentos teológicos a partir da encíclica Laudato si'*, destacam a realidade, os desafios e a capacidade do planeta Terra gerar vida e lutar por ela, e o papel da ecologia integral proposta pela encíclica no resgate da harmonia da criação, um convite ao encontro na casa comum.

Dirce Gomes da Silva, em *Igreja em diálogo*, recensão do livro homônimo de Elias Wolff (*Paulinas*, 2018), indica que a obra apresenta a proposta eclesiológica do pontificado de Francisco, caracterizada como “Igreja em diálogo” na dinâmica da “Igreja em saída”, de uma “cultura do encontro” e da “conversão pastoral”. Nas crônicas da edição, a integração do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil ao Conselho Nacional de Direitos Humanos e a carta pastoral e profética da Igreja Presbiteriana Unida em combate ao racismo.

Em *Documentação*, a *Caminhos de Diálogo* destaca a declaração final e compromisso comum do evento A economia de Francisco, que reuniu mais de 2.000 empresários e estudantes de economia com menos de 35 anos de todos os continentes, em novembro de 2020. Na declaração-compromisso, jovens economistas e empresários do mundo, convocados em Assis pelo papa Francisco no ano da pandemia da COVID-19, enviam uma mensagem aos

economistas, empresários, políticos, trabalhadores e trabalhadoras, e cidadãs e cidadãos do mundo com os desafios para a construção de uma economia melhor para os povos e, sobretudo, para os pobres, pedindo a desaceleração da corrida das grandes potências mundiais e as grandes instituições econômico-financeiras; uma comunhão mundial das tecnologias; a custódia dos bens comuns; o combate às ideologias econômicas que ofendem e descartam os pobres, os doentes, as minorias e os desfavorecidos; pelo direito ao trabalho digno para todas e todos; a abolição dos paraísos fiscais; a fundação de novas instituições financeiras e a reformulação das já existentes em um sentido democrático e inclusivo; a introdução de comitês éticos independentes nas empresas e bancos; a premiação de empresários que inovem nas áreas da sustentabilidade ambiental, social, espiritual e gerencial; a promoção de uma educação com qualidade; o oferecimento de oportunidades para todas as trabalhadoras; e esforços para que recursos da educação e da saúde não sejam usados para construir armas e alimentar guerras.

Desejamos que o presente número da *Caminhos de Diálogo* possibilite boas leituras e impulsos para entender esse momento pandêmico e identificar o seu *kairós*; para desenvolver caminhos de diálogo com a realidade da pandemia e com as demais igrejas e religiões em busca da sua contensão e superação; e para desenvolver e adequar práticas pastorais colocando no centro da sua preocupação o ser humano vulnerável, mortal, necessitado e, muitas vezes, sobrecarregado, desintegrado e desesperado pela crise. Avancemos juntos nos caminhos de diálogo, que nos fortalecem mutuamente para atingirmos a meta de uma *oikoumene* construída e enriquecida pelas diferenças e especificidades de cada caminheira(o). ✨